

Cyberbullying e comunicação de teor homofóbico na adolescência: estudo exploratório das suas relações

Mariana Magalhães¹; <http://orcid.org/0000-0003-1392-4176>

Miguel Cameira¹; <http://orcid.org/0000-0002-1629-3608>

Liliana Rodrigues¹; <http://orcid.org/0000-0001-6900-9634>

Conceição Nogueira¹; <http://orcid.org/0000-0002-9152-754X>

Resumo

Na sequência de anteriores tentativas de integrar o *bullying* e a homofobia na adolescência, a presente investigação visou estender o estudo ao *cyberbullying* e abordar o fenómeno no contexto Português. Assim, foi pedido a 688 estudantes da Universidade do Porto que recordassem as suas experiências de *cyberbullying* e de Comunicação de Teor Homofóbico (CTH) durante a adolescência. Os resultados revelaram que 67% da amostra foram alvo e 34% agente de pelo menos uma ocorrência de *cyberbullying*. Foram ainda identificadas 44 vítimas frequentes e 10 perpetradores/as frequentes. A CTH é frequente (45%) particularmente com amigos/as (34%), mas também com desconhecidos/as (23%). Confirmando as nossas hipóteses, foram encontradas correlações significativas entre as frequências de comportamentos de *cyberbullying* e de CTH, como vítima ou como perpetrador. Os resultados sugerem, pois, que há a necessidade, ao nível da intervenção no *bullying* e *cyberbullying* adolescente, de confrontar diretamente a sua componente homofóbica.

Palavras-chave: *Cyberbullying*; homofobia; adolescência.

Cyberbullying and homophobic content communication in adolescence: an exploratory study of their relations

Abstract

Following previous attempts to integrate bullying and homophobia in adolescence, this research aimed to extend the study to cyberbullying and address the phenomenon in the Portuguese context. Thus, 688 students from the University of Porto were asked to recall their experiences of cyberbullying and homophobic content communication (CTH) during adolescence. The results revealed that 67% of the sample had targeted, and 34% agent, of at least one occurrence of cyberbullying. We also identified 44 frequent victims and 10 frequent perpetrators. CTH is frequent (45%), particularly with friends (34%), but also with strangers (23%). Confirming our hypotheses, significant correlations had found between the frequencies of cyberbullying and CTH behaviors, as a victim or as a perpetrator. The results therefore suggest that there is a need, at the level of intervention in adolescent bullying and cyberbullying, to confront directly its homophobic component.

Keywords: *Cyberbullying*; homophobia; adolescence.

Cyberbullying y comunicación de contenido homofóbico en la adolescencia: estudio exploratorio de sus relaciones

Resumen

En la secuencia de anteriores tentativas de integrar el *bullying* y a la homofobia en la adolescencia, la presente investigación tuvo por objetivo comprender el estudio al *cyberbullying* y abordar el fenómeno en el contexto portugués. Así, se solicitó a 688 estudiantes de la Universidad de Porto, que recordasen a sus experiencias de *cyberbullying* y de Comunicación de Contenido Homofóbico (CTH) durante la adolescencia. Los resultados apuntaron que el 67% del muestreo fueran objeto y el 34 % agente de por lo menos una incidencia de *cyberbullying*. Aún se identificaron 44 víctimas frecuentes y 10 perpetradores/as frecuentes. La CTH es frecuente (e 45%) particularmente con amigos/as (el 34%), pero también con desconocidos/as (el 23%). Confirmando nuestras hipótesis, se encontraron correlaciones significativas entre las frecuencias de comportamientos de *cyberbullying* y de CTH, como víctima o como perpetrador. Los resultados sugieren, pues que hay necesidad, a nivel de la intervención en el *bullying* y *cyberbullying* adolescente, de confrontar directamente a su componente homofóbica.

Palabras clave: *Cyberbullying*; homofobia; adolescencia.

1 Universidade do Porto – Porto – Portugal; m.maia.magalhaes@gmail.com; cameira@fpce.up.pt; frodrigues.liliana@gmail.com; cnogueira@fpce.up.pt

Introdução

A evolução das tecnologias de informação e de comunicação (TIC) e a sua utilização crescente pela população, em geral, levou a que estas assumissem um papel de relevo cada vez maior na sociedade contemporânea e, em especial, nas interações que estabelecemos no nosso quotidiano (Matos, Pessoa, Amado, & Jäger, 2011). Encontramos as percentagens mais elevadas de utilizadores da *Internet* para efeitos de comunicação interpessoal na faixa etária dos 16-24 anos, sendo que 90% deles/as a utilizam para envio de mensagens em *chats*, *blogues* ou redes sociais, e 95% para comunicar através do correio eletrónico – o *e-mail* (Matos et al., 2011).

Contudo, da mesma forma que propiciam formas facilitadas de comunicação, informação e divulgação do conhecimento, as TIC criaram um novo espaço para a manifestação de atitudes preconceituosas e violentas – o espaço virtual – dando lugar ao *cyberbullying* (Buelga, Cava, & Musitu, 2010; Kowalski & Limber, 2007; Maidel, 2009; Matos et al., 2011; Wanzinack & Reis, 2015). O *cyberbullying* pode assim ser definido como um comportamento intencional, agressivo e repetido, através da utilização de variados dispositivos eletrónicos que permitem estabelecer contacto com outrém, e em que existe uma relação desigual de poder agravada pelo facto de muitas vezes a vítima não saber quem a está a agredir/violentar (Belsey, 2005; Olweus, 1993, 1994; Rodrigues, Grave, Oliveira, & Nogueira, 2015; Smith, Mahdavi, Carvalho, & Tippet, 2006). Concretamente, o fenómeno traduz-se pela publicação ou envio de material prejudicial, ou por outros tipos de agressão, utilizando a *Internet* ou outras tecnologias digitais. Tal prática é facilitada pela diversidade de meios proporcionados pelas TIC: *e-mails*, grupos de discussão, mensagens de texto/digitais (Willard, 2005), *blogs*, salas de *chats*, mensagens instantâneas (Pescitelli, 2013; Willard, 2005), redes sociais, *sites* de crítica de cinema, *sites* de partilha de vídeos ou jogos *online* (Pescitelli, 2013). Independentemente do tipo de canal utilizado para a prática das agressões, todas elas têm um grande impacto psicológico, emocional, e mesmo físico, não só nos indivíduos envolvidos como nas suas famílias (Matos et al., 2011).

O *cyberbullying* apresenta alguns aspetos característicos como a possibilidade de anonimato do/a agressor/a, através da utilização de pseudónimos ou nomes falsos, aumentando assim o desequilíbrio de poder (Buelga & Pons, 2012; Pereira, 2015). Proporciona ainda a possibilidade de exceder as barreiras de tempo e espaço, dificultando a escapatória da vítima e aumentando a sua perceção de vulnerabilidade (Kowalski & Limber, 2007; Maidel, 2009; Matos et al., 2011).

Podendo o *cyberbullying* assumir diversas formas, Willard (2005) propôs seis categorias comportamentais: o *Assédio*, que consiste no envio repetido de mensagens ofensivas, o *Cyberstalking* (ou *Perseguição*), baseado no envio repetido de ameaças ou mensagens altamente intimidantes, a *Difamação*, que consiste no envio ou publicação de declarações falsas ou cruéis, a *Personificação* (ou *Usurpação da Identidade*) referente ao roubo de identidade

da vítima com o intuito de denegrir a imagem da mesma, a *Violação da Intimidade*, que ocorre quando o/a agressor/a publica ou envia a outros material que contém informação privada sobre a vítima, e a *Exclusão* intencional da vítima de um grupo *online*, ostracizando-a.

Em Portugal, Coelho, Sousa, Marchante, Brás e Romão (2016) estudaram esse fenómeno junto de 1.039 alunos/as do 6º ao 8º ano no distrito de Lisboa, verificando que 4% dos meninos e 7% das meninas registaram terem sido vítimas de mensagens ameaçadoras pela *Internet* ou pelo telemóvel pelo menos uma vez, no ano lectivo transacto. Note-se que estas percentagens estão em contradição com as de estudos feitos noutros países onde foram encontradas maiores percentagens de meninos do que meninas, quer entre as vítimas, quer entre os/as agressores/as (p.e., Bosworth, Espelage, & Simon, 1999; Crick & Bigbee, 1998; Pellegrini & Long, 2002).

Também em Portugal, procurando investigar os motivos subjacentes ao *cyberbullying* entre os adolescentes, Caetano e colaboradores/as (2017) verificaram que a maioria dos agressores invocou motivos hedonísticos (brincadeira ou fuga ao tédio), não gostar do alvo, ou vingança pessoal. Já a maioria das vítimas atribuía os mesmos atos à imaturidade, ciúmes, ou necessidade de se sentir superior dos agressores.

Homofobia na Adolescência. A discriminação de que indivíduos com orientação sexual e identidade de género não normativa (LGBT - lésbicas, gays, bissexuais e transgénero) são alvo, por vezes, referida globalmente como “homofobia”, assume geralmente a forma de violência simbólica contra pessoas não heterossexuais e/ou transgénero, relacionada com a linguagem, embora possa manifestar-se também pela agressão física (Dantas & Neto, 2015). Basicamente, essas pessoas são consideradas como seres desviantes e colocadas numa posição de inferioridade por não se apresentarem em conformidade com a heteronormatividade e/ou das normas de género socialmente estabelecidas e culturalmente predominantes (Dantas & Neto, 2015).

Como vários/as autores/as notaram, há uma ligação estreita entre a homofobia e o heterossexismo enquanto crença na superioridade da heterossexualidade relativamente a todas as outras formas de sexualidade (p.e., Dantas & Neto, 2015; Epstein, 1997). A atitude hostil perante pessoas identificadas como lésbicas, gays ou bissexuais (LGB) fiscaliza a expressão das posições e das relações entre sexos/géneros, reforçando as versões tradicionais de masculinidade hegemónica e feminilidade (Epstein, 1997). Assim, a homofobia pode constar de um ódio generalizado dirigido não só às pessoas LGB mas também àquelas que pelo seu comportamento podem ameaçar a validade dos padrões tradicionais de género ou sobre aqueles/as percebidos/as como tal (Dantas & Neto, 2015). De facto, o *bullying* homofóbico é também exercido sobre pessoas que se identificam como heterossexuais ou que não se identificaram com nenhuma orientação sexual (Rodrigues et al., 2015).

Todos os indivíduos que resistem à conformidade com as identidades de género convencionais sofrem represálias, sendo estas, geralmente, mais árduas para o sexo masculi-

no (Epstein, 1997). Um exemplo dessas é o *genderbashing*: uma prática discriminatória comum, baseada em ataques ou insultos em função do gênero ou expressão de gênero (Costa, Pereira, Oliveira, & Nogueira, 2010). De facto, o que motiva o *bullying* homofóbico é a homofobia, mesmo que esta seja exercida contra pessoas que não se identificam como LGBT, mas que são percebidas como rompendo com a heteronorma (Rodrigues et al., 2015).

Segundo Epstein (1997), frequentemente, a homofobia direcionada a rapazes que não se enquadram no papel masculino heteronormativo pretende focar a semelhança verificada relativamente ao papel de gênero feminino. Dito de outra forma, enquanto a assimilação por parte de uma rapariga de características tipicamente masculinas não provoca normalmente reações negativas evidentes, a exibição de características tradicionalmente femininas por um rapaz é, geralmente, vista como mais ofensiva dos estatutos de gênero. Desta forma, podemos concluir que a homofobia é utilizada de forma a controlar não só a sexualidade, como também a posições relativas dos dois gêneros na sociedade.

O contexto escolar é um dos locais onde essa discriminação é mais observada (António, Pinto, Pereira, Farcas, & Moleiro, 2012). Para muitos/as jovens LG, ou que não se apresentam em conformidade com as normas de gênero, a rotina diária escolar está repleta de episódios de assédio e vitimação (António et al., 2012; Rodrigues et al., 2015).

Cyberbullying e Homofobia. O ciberespaço não é um contexto isolado, devendo ser encarada como uma expansão do real (Lima, 2009). Assim, a vivência das diferentes identidades sexuais verifica-se também nos espaços virtuais. Os espaços de pertença *online* têm-se tornado cada vez mais importantes como meios de atenuação do estigma social vivido pelas pessoas LGBT e como espaços de apoio mútuo, possibilitando assim uma vivência menos conflituosa da sua orientação sexual (Blumenfeld & Cooper, 2010; Dantas & Neto, 2015). Contudo, embora possam assumir um importante papel na atenuação do estigma contra as pessoas LGBT, possibilitando uma vivência menos conflituosa da sua orientação sexual através de *sites* e forums específicos, as novas tecnologias de informação permitiram também o deslocamento dos discursos e práticas homofóbicas para o espaço virtual, de forma cada vez mais regular e agressiva (Wanzinack & Reis, 2015). Assim, a homofobia marca presença na comunidade virtual, que se assume como uma das instâncias de controlo da aparência corporal e da expressão da sexualidade, tomando proporções cada vez mais agressivas e constantes nas redes sociais (Dantas & Neto, 2015; Wanzinack & Reis, 2015).

Por exemplo, Varjas, Meyers, Kiperman e Howard (2012) verificaram que 61% dos/as participantes do seu estudo apontaram a orientação sexual como um motivo frequente da ciber-vitimação. Das suas observações, Wiederhold (2014) concluiu que os/as jovens que se identificam como LG ou que questionam a sua identidade sexual são, talvez, o grupo mais afetado pelo *cyberbullying*. Assim, além de vítimas de agressão direta (vitimação primária; Pescitelli, 2013), estas pessoas são constantemente expostas a comu-

nicação de teor homofóbico, dirigida a terceiros (vitimação secundária).

De forma a analisar a relação entre o *bullying* face-a-face e a comunicação homofóbica, Poteat e Espelage (2005) realizaram um estudo com cerca de 200 alunos/as do 8º ano de uma escola dos EUA. Os/as autores/as constataram uma prevalência bastante elevada no uso de termos homofóbicos na sua amostra. Verificaram que 43% dos meninos e 29% das meninas registaram ter recebido pelo menos uma comunicação homofóbica de um/a amigo/a na semana anterior; quando se referiam a emissores/as desconhecidos/as, as percentagens desciam para 26% e 21%, respectivamente. As frequências relativas à emissão de comunicação homofóbica foram idênticas às da recepção, ou seja, a troca de insultos de teor homofóbico entre amigos/as foi registada por quase metade dos inquiridos do sexo masculino e por cerca de 1/3 do sexo feminino. As correlações com as medidas de *bullying* foram significativas, entre $r = .58$ e $r = .68$, incluindo meninos e meninas, no papel do/a agressor/a ou de vítima, confirmando a hipótese de que o *bullying* face-a-face comporta frequentemente uma considerável componente homofóbica.

Os/as jovens LG, ou percepcionados/as como tal, registam um número superior de problemas de saúde (em especial, de saúde mental) associados ao *bullying* homofóbico (Russell, Ryan, Toomey, Diaz, & Sanchez, 2011), tais como, dor emocional e psicológica, baixa autoestima, altos níveis de ansiedade (Hinduja & Patchin, 2011), isolamento, tristeza, solidão (António et al., 2012), comportamentos sexuais de risco, depressão, ideação suicida (Oliveira, Pereira, Costa, & Nogueira, 2010; Russell et al., 2011) ou mesmo tentativa de suicídio (Walker, 2015), baixa participação e rendimento escolar (Hinduja & Patchin, 2011; Walker, 2015). Wanzinack e Reis (2015), num estudo com cerca de 1000 estudantes do 5º ao 9º ano, revelaram que cerca de 5% dos/as participantes reportaram terem sofrido consequências negativas derivadas de agressões sofridas nos meios virtuais, na maioria de vezes, relacionadas com a orientação sexual não heterossexual.

Estudo Empírico

Objectivos da Investigação e Hipóteses

A presente investigação pretende avaliar o papel das atitudes homofóbicas e, concretamente, da comunicação de teor homofóbico (CTH) no *cyberbullying*. Para tal, analisam-se algumas das suas características, nomeadamente, prevalência, tipos de emissores/as e de receptores/as, as TIC preferidas, e os níveis de impacto percebido nas diversas áreas de vida dos/as intervenientes. Quisemos ainda analisar possíveis diferenças entre sexos nas frequências desses comportamentos, dado tratar-se da variável sociodemográfica mais relevante na ocorrência deste fenómeno.

Em termos de hipóteses gerais do estudo, preve-mos que, consistentemente com os resultados de Poteat

e Espelage (2005) obtidos com adolescentes americanos/as, exista uma relação significativa entre o *cyberbullying* e a comunicação de teor homofóbico (H1). Tendo em conta a literatura revista acima, prevemos que os meninos sejam vítimas e agressores mais frequentes do que as meninas, quer dos comportamentos associados ao *cyberbullying* (H2; Bosworth, Espelage, & Simon, 1999; Crick & Bigbee, 1998; Pellegrini & Long, 2002), quer da comunicação homofóbica (H3; p.e., Epstein, 2001). Também segundo a literatura revista (p. e., Poteat & Espelage, 2005; Rodrigues et al., 2015), a comunicação homofóbica é dirigida não só a pessoas percebidas como LG, mas também àquelas que não são percebidas como tal. Assim, a nossa hipótese é que não haverá diferenças de ocorrência na comunicação homofóbica dirigida aos dois tipos de receptores (H4). Prevemos ainda que a recepção de comunicação homofóbica tenha um impacto significativo na vida dos sujeitos, nomeadamente nas esferas social (passando pelo isolamento social), psicológica (por exemplo, níveis superiores de depressão e ansiedade), escolar (tais como, ter receio de ir à escola ou piorar os resultados académicos), e familiar e que os/as emissores/as sofram também consequências nestas esferas, sendo este impacto, no entanto, menor que o das vítimas (H5; p. e., Wanzinack & Reis, 2015).

Método

Participantes

A amostra final deste estudo foi constituída por 688 estudantes da Universidade do Porto sendo os cursos mais representados, Psicologia (30% dos respondentes), Medicina (13%), Letras (13%), Ciências (11%), e Economia (9%) – os restantes nove cursos apresentam frequências abaixo de 5%. A idade média da amostra foi de 22 anos, $DP = 5$, sendo que 26% dos respondentes frequentavam o 1º ano do respectivo curso. Embora o questionário tenha sido enviado indiscriminadamente para todos/as os/as estudantes da Universidade do Porto (ver procedimento abaixo), houve muito mais adesão por parte de estudantes do sexo feminino, 522, do que do sexo masculino, 166 (apenas 24% da amostra total). Como proposta explicativa desta diferença podemos referir o facto de haver maior percentagem de mulheres do que de homens a frequentar o ensino superior em Portugal. Além disso, fazendo uma análise por sexo dos cursos mais representativos do estudo, podemos referir que também são cursos mais frequentados por mulheres (Pordata, 2017).

Instrumentos utilizados

O questionário utilizado começava por itens relativos aos dados sociodemográficos dos/as participantes e questões destinadas a medir as frequências de vitimação e perpetração de comportamentos de *cyberbullying*, as frequências de recepção e emissão de comunicação homofóbica, entre outros.

Por falta de um instrumento validado para a população portuguesa que avaliasse diretamente o *cyberbullying*, elaborámos sete questões retrospectivas que mediam a frequência de vitimação/perpetração de comportamentos característicos do *cyberbullying* a partir da classificação de Willard (2005). Era questionado ao/à respondente que registasse a frequência com que tinha passado, durante a infância e/ou adolescência, por experiências como, enviar mensagens insultuosas, ordinárias ou ameaçadoras, espalhar um boato sobre a pessoa, usar dados ou fotografias da vítima para se fazer passar pela mesma, publicar um segredo da vítima ou uma fotografia íntima. Esses atos correspondem de forma geral, aos tipos de Willard (2005) de Assédio, Perseguição, Difamação, Usurpação da identidade, e Violação da Intimidade, respectivamente. Os itens eram respondidos em escalas ordinais de “Nunca”, “Apenas uma vez”, “Ocasionalmente” e “Frequentemente”. Nos itens relativos à vitimação, era questionada a frequência com que tinha sofrido essas agressões e nos itens relativos à perpetração, a frequência com que as tinha realizado.

A análise factorial dos 14 itens (ACP com rotação Varimax; $KMO = .81$) reteve três factores explicando 48% da variância total, confirmou que os itens de vitimação (20% de variância explicada) se distinguiam dos de perpetração (17%) com excepção dos itens “Divulgar segredo”, “Usurpação de identidade” e “Divulgar fotografia íntima” na perspectiva da vítima, que saturaram num 3º factor (11%). A agregação destes três itens num factor separado pode ter sido devida à sua menor frequência relativamente aos outros itens de vitimação, como pode ser observado na Tabela 1. Tanto os quatro itens do primeiro factor (de vitimação) como os sete do segundo (de perpetração), apresentaram valores de consistência interna aceitáveis, Alfa de Cronbach = .76 e .71, respectivamente, tendo por isso procedido à sua agregação nas respectivas sub-escalas.

Para as questões sobre a comunicação de teor homofóbico, utilizámos a *Homophobic Content Agent Target Scale* (Poteat & Espelage, 2005), tendo sido previamente solicitada autorização aos/às autores/as para a sua utilização e adaptação. A escala está dividida em 2 subescalas, de perpetrador (*Agent*) e de vítima (*Target*), com 5 itens cada, nos quais se pede ao/à participante que registre se, nas suas interações sociais da semana anterior, usou, ou foi alvo de expressões, como, “fufa”, “bicha/bichona”, “sapatona”, ou “paneiro”, relativamente a um/a amigo/a, alguém que não conhecia muito bem, etc. (ver itens na Tabela 1). A *Homophobic Content Agent Target Scale* foi adaptada ao nosso estudo, alterando-se o foco para a infância e/ou adolescência e as opções de resposta para “Nunca”, “Uma única vez”, “Ocasionalmente” e “Frequentemente”.

Tal como no estudo original, realizámos uma análise factorial aos itens (ACP com rotação Varimax; $KMO = .78$), tendo obtido três factores explicando 73% da variância total. O primeiro factor agregava os itens relativos à perspectiva da vítima, excepto Amigo (31% da variância), o segundo fac-

tor agregava os itens na perspectiva do agressor, excepto Amigo e Não-LG, (23%), e o terceiro factor (19%) agregava os restantes itens. A agregação dos itens relativos a emissor/receptor Amigo, poderá ter sido devida à sua frequência, muito mais elevada que as dos restantes emissores/receptores. A consistência interna de ambas as sub-escalas (relativas aos dois primeiros factores), Alfas de Cronbach = .89 e .79, respectivamente, foi idêntica à obtida nas sub-escalas originais, ambas com Alfas de Cronbach = .85 (cf. Potteat & Espelage, 2005). De salientar que nestas sub-escalas não foram agregadas as frequências relativas a Amigo dada não só a sua saturação noutra factor como, presumivelmente, o uso de epítetos homofóbicos não compreende, nesse caso, a agressividade inerente à comunicação com os restantes emissores/receptores.

Um outro grupo de questões media a frequência de utilização de mensagens de texto, redes sociais, chamadas, *chats* e *e-mails*, para perpetrar *cyberbullying* homofóbico. As escalas de respostas eram também “Nunca”, “Apenas uma vez”, “Ocasionalmente” e “Frequentemente”. A ACP realizada (KMO = .85) reteve três factores explicando 73% da variância. No primeiro factor (32%) saturaram os itens relativos à vitimação, excepto Email, e no segundo, os itens relativos à perpetração excepto Email (28%); o terceiro factor (13%) agregou os dois itens Email. A consistência interna de ambas as sub-escalas (relativas aos dois primeiros factores), como vítima e como perpetrador, foi boa, Alfas de Cronbach = .90 e .85, respectivamente.

Finalmente, inserimos questões que mediam as percepções dos/as respondentes sobre o impacto do *cyberbullying* homofóbico sofrido ou perpetrado nas esferas familiar, social, escolar e psicológica do/a respondente, respondidas em escalas de “Não afetou”, “Afetou um pouco”, “Afetou muito” e “Afetou muitíssimo”. A ACP realizada (KMO = .78) reteve dois factores explicando 75% da variância e a rotação Varimax subsequente distinguiu rigorosamente os itens relativos à vitimação (38%) dos itens relativos à perpetração (37%). A consistência interna das duas sub-escalas (relativas aos dois factores obtidos) foi excelente, Alfas de Cronbach = .89 e .90, respectivamente, para vitimação e perpetração.

Procedimento

De forma a recolher o maior número de dados possível, o questionário foi introduzido na plataforma *online Google Forms* e enviado aos/às estudantes da Universidade do Porto, com recurso à plataforma de correio eletrónico *webmail*, com uma breve explicação do âmbito do questionário. O *link* foi ainda publicado na rede social *Facebook*, de forma a divulgar amplamente o questionário. Uma vez que o contexto da investigação foi *online*, e no que respeita aos procedimentos éticos de recolha de informação, o consentimento informado foi integrado no questionário, informando ainda que a participação no estudo era voluntária, não trazendo qualquer custo ou prejuízo para o/a participante, e que todas as respostas permaneceriam anónimas. Todos

os esclarecimentos foram prestados através da plataforma *webmail*. Importa referir também que o plano do estudo foi previamente submetido à Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP).

Resultados

Começámos por analisar as frequências relativas das respostas às questões uma a uma (Tabela 1). De seguida, analisámos as médias das escalas de *Cyberbullying*, da *Homophobic Content Agent Target Scale*, das TIC utilizadas para a comunicação homofóbica e dos danos percebidos, comparando-as entre meninos e meninas, para a vitimação e para a perpetração separadamente (utilizando *t-tests*). Finalmente, visando o objectivo principal do estudo, analisámos as relações entre as frequências de *cyberbullying* e da comunicação de teor homofóbico (utilizando o coeficiente de correlação de Pearson).

Análises Descritivas e Diferenças por Sexo

Vitimação e Perpetração de Cyberbullying. A Tabela 1 exhibe as respostas às questões das diversas escalas, nomeadamente, as percentagens de respondentes que registaram alguma ocorrência, ou seja, que marcaram, “Apenas uma vez”, “Ocasionalmente” ou “Frequentemente” (colunas da esquerda). Podemos verificar que quase metade dos/as inquiridos/as recebeu pelo menos uma mensagem insultuosa e uma mensagem ordinária, e que cerca de 1/3 foi, pelo menos uma vez, vítima de um boato difamador difundido através de um meio TIC. No total, isto é, tendo em conta todas as suas formas, 67% terá sido alvo de *cyberbullying*. Já o número de respondentes que registaram terem perpetrado agressões é bastante menor que os/as que registaram terem sofrido as mesmas: no total, apenas 34% confessam ter perpetrado, pelo menos uma vez, alguma forma de *cyberbullying*.

Dado que a presente investigação tinha como objectivo analisar o fenómeno do *cyberbullying* e este, por definição, envolve a repetição das agressões, interessava-nos identificar a percentagem de participantes que registaram ter sido vítimas ou perpetradores frequentes destes comportamentos, ou seja, que registaram “Frequentemente”. Estas frequências, absolutas (*f*) e relativas (%), podem ser observadas nas colunas da direita da Tabela 1. A contagem dos casos que registaram “Frequentemente” em pelo menos uma das formas de *cyberbullying*, permitiu-nos constatar a existência de 44 vítimas graves de *cyberbullying*, correspondendo a 6% da amostra total, sendo 28 do sexo feminino e 16 do sexo masculino. As 28 meninas da subamostra correspondem a 6% da amostra total feminina, e os 16 meninos correspondem a 10% da amostra total masculina, confirmando assim a nossa hipótese (H2) que os meninos são mais vítimas que as meninas, $\chi^2 = 3.84, p = .05$. Dada a menor frequência geral de comportamentos perpetrados,

Tabela 1. Frequências por níveis de ocorrência (pelo menos uma vez e frequentemente) e por papel na ocorrência (vítima ou agressor). Amostra total, $n = 688$.

	Pelo menos 1 vez		Frequentemente			
	Vitimação (%)	Perpetração (%)	Vitimação		Perpetração	
			(%)	(f)	(%)	(f)
<i>Cyberbullying</i>						
Mensagens insultuosas	49	21	2	11	1	5
Mensagens ordinárias	44	15	3	23	1	6
Boato	34	8	3	19	0	1
Mensagens ameaçadoras	27	9	1	8	0	1
Usurpação da identidade	9	5	1	5	0	1
Publicação de segredo	5	4	0	2	0	1
Publicação de fotografia íntima	3	3	0	2	0	3
Total	67	34	6	44	2	10
<i>CTH</i>						
Amigo	34	48	15	104	11	76
Alguém que não conhecia muito bem	23	21	5	34	1	6
Alguém de quem não gostava	23	24	7	45	2	15
Alguém que não achava que eu era LG	20	21	7	48	4	25
Alguém que achava que eu era LG	16	26	4	29	2	14
Total	45	61	17	123	14	93
<i>TIC utilizados na CTH</i>						
Chats	17	18	3	20	4	20
Sms	15	19	2	15	3	16
Redes Sociais	13	12	6	19	2	14
Chamadas Telefônicas	12	11	2	11	2	12
E-mails	3	1	1	6	0	1

é compreensível que tenhamos identificado apenas 10 participantes que reportaram terem sido perpetradores/as frequentes de pelo menos um tipo de *cyberbullying*, correspondendo a 2% da amostra total. Destes 10 *cyberbullies*, 8 eram meninos e 2 eram meninas.

Recepção e Emissão de Comunicação de Teor Homofóbico

Comunicação de Teor Homofóbico (CTH). Quanto à recepção/emissão de comunicação de teor homofóbico, a Tabela 1 mostra que os/as emissores mais comuns são

amigos/as dos/as receptores/as(34%), e vice-versa (15%). No entanto, a CTH dirigida a desconhecidos/as ou alguém de quem não se gosta, ocorre também em cerca de ¼ da amostra, quer como vítimas, quer como agressores. No total, ou seja, tendo em conta todos os tipos de emissores/receptores, 45% da amostra foi receptor e 61% foi emissor de comunicação de teor homofóbico, sendo que 17% foi receptor frequente e 14% foi emissor frequente.

Ao contrário do que prevíamos (H4), a percentagem de respondentes que registou que o/a agressor/a pensava que ele/a era LG, é mais baixa do que a percentagem que registou que o/a agressor/a não pensava que ele fosse LG, Z de Wilcoxon = 3.98, $p < .001$. A comunicação de teor homo-

fóbico parece assim ser tão vulgarizada na adolescência que não é requisito que os alvos sejam percebidos como LG.

TIC utilizadas na CTH. Ainda na Tabela 1, constata-se que as TIC são amplamente utilizadas para transmissão de CTH, sendo os *chats* e as mensagens de texto (sms) os meios de eleição (17 e 15%) e o *email* o meio menos utilizado (3%). Observou-se também que cerca 21% da amostra total recebeu pelo menos uma mensagem de teor homofóbico através de uma TIC.

Impacto Percebido da Comunicação de Teor Homofóbico. Finalmente, analisamos o impacto percebido da comunicação de teor homofóbico em diversas esferas da vida dos sujeitos (Tabela 2). Verifica-se que, tal como previsto, o impacto negativo da CTH é maior nos receptores do que nos emissores. Cerca de 1/3 dos receptores de CTH registaram ter-se sentido afetado ao nível, social, escolar e psicológico, enquanto cerca de 1/5 dos emissores registaram ter sentido o mesmo. Confirma-se, assim, a nossa hipótese (H5) de que as experiências de recepção de CHT têm efeitos bastante mais adversos do que as experiências de emissão.

Tabela 2. Percentagens das respostas a Impacto percebido da CTH por papel na ocorrência (como vítima e como agressor).

Esfera	Vitimação n= 461			Perpetração n = 235		
	Pelo menos um pouco (%)	Muito / Muitíssimo (%) (f)		Pelo menos um pouco (%)	Muito / Muitíssimo (%) (f)	
		(%)	(f)		(%)	(f)
Familiar	15	6	18	10	1	3
Escolar	29	10	29	16	4	7
Social	37	14	38	20	5	10
Psicológica	36	16	45	22	7	14

A Tabela 2 mostra ainda que 45 dos receptores de CTH (16% de todos os receptores), registou ter sido muito ou muitíssimo afetado psicologicamente pela CTH. Tal acontece apenas a 14 dos emissores (7% de todos os emissores). Existem também elevadas percentagens de receptores muito ou muitíssimo afetados ao nível escolar e social, 10 e 14% de todos os receptores. O impacto percebido é menor ao nível familiar, seja para emissores seja para receptores, o que sugere que estas ocorrências de CTH não são relatadas no seio da família. Mesmo assim, 6% dos receptores (18 respondentes) registam ter sido muito afectados ao nível familiar.

Diferenças por Sexo dos/as Respondentes. Para testar a significância estatísticas das diferenças por sexo dos/as respondentes, recorreremos às escalas construídas para cada uma das variáveis em questão. Na Tabela 3 é possível observar as médias obtidas pelos/as respondentes dos

Tabela 3. Médias e desvios padrões e testes de diferença por sexo.

	Vitimação			Perpetração		
	Masc	Fem	t-test	Masc	Fem	t-test
Cyberbullying	1.62 0.68	1.60 0.62	<1	1.21 0.33	1.11 0.24	4.08***
CTH	2.36 1.34	1.17 0.42	17.76***	1.50 0.69	1.38 0.65	2.10*
CTH TIC	1.57 0.84	1.16 0.47	7.64***	1.44 0.75	1.23 0.54	3.54**
Impacto percebido	1.50 0.71	1.25 0.52	3.88***	1.20 0.49	1.14 0.36	1.34

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

dois sexos, assim como o teste às respectivas diferenças. Podemos constatar que os respondentes do sexo masculino apresentam frequências em média mais elevadas em todas as variáveis, excepto no *cyberbullying* em que os dois sexos apresentam frequências médias idênticas, invalidando, assim, a nossa hipótese H2 para a amostra total. A diferença maior é na recepção de CTH seguida da utilização de TICs para a CTH. Estes resultados confirmam a nossa hipótese H3.

Relação entre Cyberbullying e CTH

Para analisar as relações entre as variáveis, realizámos correlações de Pearson com as quatro escalas, *Cyberbullying*, CTH, Meios TIC e Impacto Percebido do CTH, para a Vitimação e para a Perpetração. Como se pode verificar na Tabela 4, no que diz respeito à vitimação (quadrante superior esquerdo), a frequência de *cyberbullying* está significativamente correlacionada com a frequência de recepção de CTH ($r = .26, p < .01$) e esta com a utilização de TICs para esse efeito ($r = .51, p < .01$). A intensidade do Impacto percebido também se encontra significativamente correlacionada quer com o *cyberbullying* quer com a CTH – quanto mais frequentes, maior o impacto percebido nas diversas esferas da vida do/a respondente. Na perpetração, a correlação entre a frequência de *cyberbullying* com a frequência de recepção de CTH é ainda mais elevada, $r = .38, p < .01$ (quadrante inferior direito). No seu conjunto, esses resultados confirmam a nossa hipótese principal (H1), ao indicar que o *cyberbullying* comporta uma forte componente homofóbica, sendo que os seus agentes utilizam frequentemente a linguagem homofóbica para agredir e assediar os seus alvos.

Discussão e Conclusão

Esta investigação propôs-se estudar e caracterizar, retrospectivamente, o *cyberbullying* na adolescência e as

Tabela 4. Correlações entre as variáveis medidas (coeficiente de Pearson).

	Vitimização				Perpetração			
	1	2	3	4	5	6	7	
1. <i>Cyberbullying</i>	-							
Vitimização	2. CTH	.26**						
	3. CTH TIC	.32**	.51**					
	4. Impacto percebido	.38**	.58**	.23**				
	5. <i>Cyberbullying</i>	.44**	.27**	.38**	.06			
Perpetração	6. CTH	.18**	.12**	.12**	.02	.38**		
	7. CTH TIC	.24**	.26**	.68**	.01	.45**	.18**	
	8. Impacto percebido	.18**	.17**	.09	.41**	.12**	.25**	
							.06	

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

suas relações com a homofobia em estudantes universitários. Para tal, foram avaliadas as frequências de comportamentos associados, a relação dos/as participantes com os/as agressores/as e com os alvos desses comportamentos, os meios utilizados para realizar as agressões e o impacto percebido destas experiências em diversas esferas da vida dos/as respondentes.

Como referido na metodologia, dado tratar-se da evocação de acontecimentos passados, foram utilizadas escalas de resposta com intervalos amplos à semelhança de estudos que mediram evocações de *bullying* em adultos/as (Goodboy, Martin, & Goldman, 2016; Schäfer et al., 2004). Por essas razões, a comparação dos presentes resultados com os de estudos anteriores (obtidos junto dos/as próprios/as adolescentes, referindo-se a períodos temporalmente mais próximos, como na semana passada, e usando escalas mais pormenorizadas) só pode ser feita em termos aproximados. No entanto, o rigor das evocações dos acontecimentos, depois de decorridos vários anos, não pode nem deve ser posto em causa, especialmente quando se trata de acontecimentos traumáticos como as agressões entre pares, como já foi afirmado (ex., Brewin, Andrews, & Gotlib, 1993; Rivers, 2001; Rubin, 2002).

Ao analisar as frequências do *cyberbullying* na nossa amostra, verificámos que 67% da nossa amostra registaram ter sido vítimas, pelo menos uma vez e que 34% registaram ter perpetrado, pelo menos uma vez, alguma agressão deste tipo. Os elevados números da vitimização mostram que o *cyberbullying* marca a sua presença na vida da maioria dos/as adolescentes (cerca de 2/3 da amostra). Contudo, dado que um/a agressor/a pode ter várias vítimas, é ainda mais

reveladora a percentagem de perpetradores/as assumidos/as (cerca de 1/3 da amostra). Obviamente, a percentagem de vítimas frequentes é, não obstante muito elevada em termos absolutos, muito menor - 6%. Esse é um número a ter em conta, para efeitos de futura intervenção nesse fenómeno, principalmente, quando se verifica que 16% deles/as assumiram ter sido muito afectado/a a nível psicológico, e 14% a nível social. A percentagem de perpetradores/as frequentes foi mais baixa - 2%. As percentagens de vítimas e perpetradores frequentes confirmam números anteriores sendo idênticas às obtidas por Coelho e colaboradores/as (2016), junto de jovens do ensino fundamental: 5% reportaram ter sido vítimas e 3% ter sido agressores/as durante o ano anterior ao inquérito.

A nossa hipótese de que os meninos seriam mais frequentemente vítimas de *cyberbullying* do que as meninas, não foi verificada na amostra total. Contudo, quando delimitámos as nossas análises às vítimas frequentes, as diferenças entre as percentagens de meninos e meninas incluídas, emergiram. Podemos por isso dizer que meninos e meninas foram alvo de ciberagressões ocasionais em igual medida, mas os meninos são mais propensos a serem vítimas frequentes do que as meninas. Os presentes resultados confirmaram ainda a hipótese relativa às diferenças entre sexos dos/as agressores/as, a qual previa uma maior frequência entre os meninos: de facto, os meninos reportaram mais frequentemente do que as meninas ter perpetrado alguma forma de *cyberbullying*.

Em suma, no que diz respeito às diferenças entre sexos, encontrámos um perfil de perpetrador/a predominantemente masculino e um perfil de vítima misto (embora, nos

casos mais extremos, seja predominantemente masculino). Esses resultados são globalmente consistentes com a evidência empírica anterior. De facto, no que diz respeito aos/às agressores/as, o perfil masculino encontrado é consistente com os resultados do recente estudo sobre *cyberbullying* de Coelho e colaboradores/as (2016) realizado em Portugal. Os meninos apresentam níveis mais elevados de perpetração do que as meninas, em diversas outras regiões (ex., EUA e Itália: Poteat & Espelage, 2005; Prati, 2012), podendo esta regularidade ser devida às características que lhes são estereotipicamente atribuídas de maior agressividade e proatividade na maioria das sociedades. No que diz respeito à vitimação, os estudos anteriores apresentaram resultados contraditórios. Por exemplo, embora diversos estudos acerca de *bullying* homofóbico tenham verificado que o sexo masculino é mais frequentemente alvo desta conduta agressiva (p. e., António et al., 2012; Bosworth et al., 1999; Crick & Bigbee, 1998; Pellegrini & Long, 2002; Russell et al., 2011), no recente estudo de Coelho e colaboradores/as (2016), verificou-se que as meninas eram o grupo mais frequente de vitimação por *cyberbullying* (ver também Schäfer et al., 2004). Podemos assim inferir que a diferença entre sexos na vitimação de *cyberbullying* dependerá de factores que não foram ainda identificados, como as normas relativas às relações entre os sexos/géneros prevalentes nas sociedades ou nas próprias escolas em análise.

Previmos igualmente que o *cyberbullying* com conteúdo homofóbico fosse mais frequentemente dirigido a pessoas percecionadas como LGB do que a pessoas não percecionadas como tal. Esta hipótese não foi confirmada, dado que os/as participantes percecionados como sendo LGB foram ainda menos frequentemente o alvo destas agressões, comparativamente aos/às participantes percecionadas como não sendo LGB. Esses resultados não são conformes aos resultados de Poteat e Espelage (2005), que não encontraram diferenças entre as respostas aos dois itens. De facto, a não confirmação da hipótese pode ser devida a uma limitação do próprio instrumento. Ou seja, dado que a orientação sexual não-normativa tem sido considerada menos legítima, e como tal tem sido alvo de discriminação, é expectável que a percentagem de violência contra LGB e contra aqueles/as que são percebidos como tal, seja maior. Nesse sentido, não podemos afirmar que os resultados da nossa amostra contradizem vários estudos anteriores que verificaram que os/as jovens LGB (António et al., 2012; Wiederhold, 2014) ou aqueles/as percebidos/as como tal (Rodrigues et al., 2015) são mais alvo de *bullying* e *cyberbullying* homofóbico do que os/as restantes jovens.

Os nossos resultados confirmaram ainda as consequências negativas que a comunicação de teor homofóbico acarreta nos/as seus/suas intervenientes, consistente com problemas emocionais e psicológicos, a baixa auto-estima, os níveis elevados de ansiedade, o decréscimo da participação escolar, o insucesso escolar e a tentativa de suicídio verificadas em estudos anteriores (Hinduja & Patchin, 2011; Walker, 2015). Cerca de 1/3 dos receptores de comunicação de teor homofóbico registou ter sido afetada ao nível social

e psicológico e cerca de 15% registou ter sido muito afetada. Estes resultados mostram mais uma vez ser crucial intervir neste fenómeno.

Finalmente, e consistindo no objectivo principal do estudo, confirmámos resultados anteriores, como os de Poteat e Espelage (2005) sobre a existência de uma forte componente homofóbica no *Cyberbullying*. Os nossos resultados indicam que as ciberagressões entre pares se concretizam frequentemente através de comunicações de conteúdo homofóbico. Dado que o seu intuito é agredir o alvo, tais comunicações sinalizam a existência de atitudes fortemente preconceituosas contra os indivíduos com orientações sexuais não-normativas. São sintomáticas de sentimentos negativos desenvolvidos durante todo o processo de socialização e acalentados com o intuito de preservar um sistema social baseado na predominância da heterossexualidade, condenando todos/as aqueles/as que se desviam da heteronormatividade. Embora muitas vezes não sejam dirigidos a indivíduos reconhecidos como LGB, o seu objectivo é sempre a afirmação da superioridade da heterossexualidade sobre as outras orientações sexuais e a inferiorização dos indivíduos que apresentam estas últimas.

Finalmente, salientaremos algumas das limitações do estudo. Embora seja retrospectivo, como já focámos acima, as memórias de acontecimentos traumáticos como esses são geralmente consideradas bastante rigorosas e válidas, não devendo por isso, esta característica ser considerada uma limitação (Rivers, 2001; Rubin, 2002). Contudo, é de recordar, que se tratam das experiências de uma população específica: jovens que continuaram os seus estudos na Universidade. Se a amostra fosse mais diversificada, os dados obtidos poderiam divergir dos agora apresentados. Assim, o potencial de generalização dos presentes resultados à população adolescente portuguesa fica reduzido.

Pensamos que o presente estudo, pela exploração e caracterização que faz das relações entre o *cyberbullying* e a utilização de linguagem homofóbica entre os/as adolescentes, poderá contribuir para o desenvolvimento de modelos de intervenção e prevenção tendo em vista a redução das atitudes e comportamentos heterossexistas nos/as futuros/as adultos/as, e promover a sua convivência positiva com a diversidade sexual e de género, nas famílias, nas escolas, no trabalho e no espaço público.

Referências

- António, R.; Pinto, T.; Pereira, C.; Farcas, D.; Moleiro, C. (2012). *Bullying homofóbico no contexto escolar em Portugal*. *Psicologia*, 26, 17-32. Recuperado de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492012000100002
- Belsey, B. (2005). *Cyberbullying: An emerging threat to the "always on" generation*. Recuperado de http://www.inukshuk.com/pdf/Cyberbullying_Presentation_Description.pdf
- Blumenfeld, W.; Cooper, R. (2010). *LGBT and allied youth responses*

- to cyberbullying: Policy implications. *The International Journal of Critical Pedagogy*, 3(1), 112.
- Bosworth, K.; Espelage, D. L.; Simon, T. R. (1999). Factors associated with bullying behavior in middle school students. *The Journal of Early Adolescence*, 19, 341 – 362. doi: 10.1177/0272431699019003003
- Brewin, C. R.; Andrews, B.; Gotlib, I. H. (1993). Psychopathology and early experience: a reappraisal of retrospective reports. *Psychological Bulletin*, 113, 82-98. doi: 10.1037/0033-2909.113.1.82
- Buelga, S.; Pons, J. (2012). Agresiones entre adolescentes a través del teléfono móvil y de Internet. *Psychosocial Intervention*, 21, 91-101. doi: 10.5093/in2012v21n1a2
- Buelga, S.; Cava, M.; Musitu, G. (2010). Cyberbullying: Victimization entre adolescentes a través del teléfono móvil y de Internet. *Psicothema*, 22, 784-789. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=72715515039>
- Caetano, A. P.; Amado, J.; Martins, M. J. D.; Simão, A. M. V.; Freire, I.; Pessôa, M. T. R. (2017). Cyberbullying: motives of aggression from the perspective of Young Portuguese. *Educação & Sociedade*, 38, 1017-1034. doi: 10.1590/ES0101-73302017139852
- Coelho, V. A.; Sousa, V.; Marchante, M.; Brás, P.; Romão, A. (2016). Bullying and cyberbullying in Portugal: Validation of a questionnaire and analysis of prevalence. *School Psychology International*, 37, 223-239. doi: 10.1177/0143034315626609
- Costa, C.; Pereira, M.; Oliveira, J.; Nogueira, C. (2010). *Imagens sociais das pessoas LGBT. Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero*. Lisboa: Comissão para a Igualdade de Género.
- Crick, N. R.; Bigbee, M. A. (1998). Relational and overt forms of peer victimization: A multiinformant approach. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 66, 337-347. doi: 10.1037/0022-006X.66.2.337
- Dantas, M.; Neto, A. (2015). O discurso homofóbico nas redes sociais da internet: Uma análise no Facebook "Rio sem Homofobia-Grupo Público". *Cadernos do Tempo Presente*, 19. Recuperado de <http://www6.ensp.fiocruz.br/repositorio/sites/default/files/arquivos/DiscursoHomofobico.pdf>
- Epstein, D. (1997). Boyz'Own Stories: Masculinities and sexualities in schools [1]. *Gender and Education*, 9, 105-116. doi: 10.1080/09540259721484
- Goodboy, A. K.; Martin, M.; Goldman, Z. (2016). Students' experiences of bullying in high school and their adjustment and motivation during the first semester of college. *Western Journal of Communication*, 80, 60-78. doi: 10.1080/10570314.2015.1078494
- Hinduja, S.; Patchin, J. W. (2011). Cyberbullying and Sexual Orientation. Cyberbullying Research Center. Recuperado de <http://www.cyberbullying.us>
- Kowalski, R.; Limber, S. (2007). Electronic bullying among middle school students. *Journal of Adolescent Health*, 41, S22-S30. doi: 10.1016/j.jadohealth.2007.08.017
- Lima, A. S. (2009). Da cultura da mídia à cibercultura: as representações do eu nas tramas do ciberespaço. In *III Encontro de Pesquisa em Comunicação e Cidadania*. Goiânia, Brasil.
- Maidel, S. (2009). Cyberbullying: Um novo risco advindo das tecnologias digitais. *Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID)*, 2. Recuperado de <http://revistaselectronicas.ujaen.es/index.php/reid/article/view/1158>
- Matos, A.; Pessoa, T.; Amado, J.; Jäger, T. (2011). Agir contra o cyberbullying: Manual de formação. *Literacia, Media e Cidadania*, 183-196. Recuperado de <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/lmc/article/view/463/434>
- Oliveira, J. M.; Pereira, M.; Costa, C. G.; Nogueira, C. (2010). Pessoas LGBT: Identidades e discriminação. In Nogueira, C.; Oliveira, J. M. (Eds.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero* (pp.149-210). Lisboa: CIG.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school*. Oxford & Cambridge: Blackwell.
- Olweus, D. (1994). Bullying at school: basic facts and effects of a school based intervention program. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 35(7), 1171-1190. doi: 10.1111/j.1469-7610.1994.tb01229.x
- Pellegrini, A. D. ; Long, J. (2002). A longitudinal study of bullying, dominance, and victimization during the transition from primary to secondary school. *British Journal of Developmental Psychology*, 20, 259-280. doi: 10.1348/026151002166442
- Pereira, F. (2015). *Ciberassédio na adolescência: Prevalência(s), reações à vitimação e mediação parental*. Tese de Doutoramento em Psicologia Aplicada. Universidade do Minho, Braga.
- Pescitelli, A. (2013). *My Space or yours? Homophobic and transphobic bullying in cyberspace*, Tese de Doutoramento. Simon Fraser University, Canadá. Recuperado de <http://summit.sfu.ca/item/13577>
- Pordata (2017). Alunos matriculados no ensino superior: total e por sexo. Recuperado de <https://www.pordata.pt/Portugal/Alunos+matriculados+no+ensino+superior+total+e+por+sexo-1048>
- Poteat, V.; Espelage, D. (2005). Exploring the relation between bullying and homophobic verbal content: The Homophobic Content Agent Target (HCAT) Scale. *Violence and Victims*, 20, 141-150. doi: 10.1891/vivi.2005.20.5.513
- Prati, G. (2012). Development and psychometric properties of the

- homophobic bullying scale. *Educational and Psychological Measurement*, 72, 649-664. doi:10.1177/0013164412440169
- Rivers, I. (2001). Retrospective reports of school bullying: Stability of recall and its implications for research. *British Journal of Developmental Psychology*, 19, 129-141. doi: 10.1348/026151001166001
- Rodrigues, L.; Grave, R.; Oliveira, J.; Nogueira, C. (2015). Estudos sobre bullying homofóbico em Portugal con recurso al Analisis de Correspondencias Múltiples (ACM). *Revista Latinoamericana de Psicología*, 48, 191-201. doi: 10.1016/j.rlp.2016.04.001
- Rubin, D. C. (2002). Autobiographical memory across the lifespan. In Graf, P.; Ohta, N. (Eds.), *Lifespan development of human memory* (pp. 159-184). Cambridge, MA: MIT Press.
- Russell, S.; Ryan, C.; Toomey, R.; Diaz, R.; Sanchez, J. (2011). Lesbian, gay, bisexual, and transgender adolescent school victimization: Implications for young adult health and adjustment. *Journal of School Health*, 81, 223-230. doi: 10.1111/j.1746-1561.2011.00583.x
- Schäfer, M.; Korn, S.; Smith, P. K.; Hunter, S. C.; Mora-Merchán, J. A.; Singer, M. M.; Van der Meulen, K. (2004). Lonely in the crowd: Recollections of bullying. *British Journal of Developmental Psychology*, 22, 379-394. doi: 10.1348/0261510041552756
- Smith, P. K.; Mahdavi, J.; Carvalho, M.; Tippett, N. (2006). An investigation into *cyberbullying*, its forms, awareness and impact, and the relationship between age and gender in cyberbullying. *Research Brief No. RBX03-06*. London: DfES. Recuperado de <http://webarchive.nationalarchives.gov.uk/20130323025443/http://www.education.gov.uk/publications/eOrderingDownload/RBX03-06.pdf>
- Varjas, K.; Meyers, J.; Kiperman, S.; Howard, A. (2013). Technology hurts? Lesbian, gay, and bisexual youth perspectives of technology and cyberbullying. *Journal of School Violence*, 12, 27-44. doi: 10.1080/15388220.2012.731665
- Walker, C. (2015). An analysis of cyberbullying among sexual minority university students. *Journal of Higher Education Theory and Practice*, 15, 44-50. Recuperado de http://www.na-businesspress.com/JHETP/WalkerC_Web15_7_.pdf
- Wanzinack, C.; Reis, C. (2015). Cyberbullying e violência na rede: Relações entre poder e desenvolvimento no litoral do Paraná. In *XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, Brasil*. Recuperado de <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2414-1.pdf>
- Wiederhold, B. (2014). Cyberbullying and LGBTQ youth: A deadly combination. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 17, 569-570. doi: 10.1089/cyber.2014.1521
- Willard, N. (2005). Cyberbullying and Cyberthreats. *OSDSF Nacional Conference*. Washington. Recuperado de <http://bcloud.marinschools.org/SafeSchools/Documents/BP-CyberBandT.pdf>

Recebido em: 24 de abril de 2018
Aprovado em: 12 de setembro de 2018



License information: This is an open-access article distributed under the terms of the License (type CC-BY), which permits unrestricted use, distribution and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.